

DUMA

Chamava-se Duma, era minha amiga.
Mas que tipo de nome é Duma?
Não sei, tirei de um filme da sessão da tarde, que tinha uma onça...
Pra mim lembra terra, poeira e, às vezes,
barro.
Foi a melhor cachorra que existiu.

A Duma era tão minha amiga que brincaria
comigo mesmo sem querer brincar.
Gostava era de caçar lagartos na cerca,
o que fazia muito individual,
ou correr atrás dos carros latindo pras rodas.

Quando lutava (brincando) comigo,
babava todo o meu braço, simulando uma abocanhada real.
Então batia mole na bunda dela com um sabugo de milho;
fazia a Duma descer rolando os montes de adubo;
dava um golpe de karatê que julgava ter aprendido não sei onde:
puxava uma pata e a Duma já se jogava ao chão...
levantava, me dava a patinha outra vez.

Se encostava meu rosto na carinha da Duma e, olhando fixo, imitava um cão rosnando,
ela rosnava também, ainda balançando o rabo...
Então chamava a Duma de filha da puta

e a abraçava.

Quando mais ociosa, não suspeitando lagartos, ouvindo latidos ou avistando carros,
a Duma era gostosa de se enterrar na areia:
deixava até só sobrar a cabeça de fora.

Eu fazia um castelo com a Duma no meio, um lago entre suas patas.
Enfeitava tudo com folhas da mangueira...

A Duma era feita da terra, marrom encardido, com manchas que mais pareciam folhas de
árvore.

Foi a melhor cachorra que existiu.

Quando a Duma morreu, choveu durante alguns dias.

A chuva deixou fofinha a terra
que recebeu de volta a Duma.

(poema de Montes de Esterco e Coisas do Tipo)

Obra original disponível em:

<http://www.overmundo.com.br/banco/duma>